



COMO FALAR HOJE DA FÉ NA RESSURREIÇÃO?

HOW TO SPEAK FAITH TODAY IN THE RESURRECTION?

Elismar Alves dos Santos¹

RESUMO

O artigo aborda a temática da ressurreição. Acreditamos que falar da fé na ressurreição exige embasamento antropológico. A antropologia teológica tem a função de ser a parte da teologia que se destina a refletir sobre a pessoa humana, à luz de Cristo. A ressurreição do corpo significa, segundo a antropologia bíblica, ressurreição do ser humano como pessoa. Os temas da morte e ressurreição fazem parte ora da Sagrada Escritura, ora da Tradição da Igreja. No decorrer dos séculos tem-se perguntado: o que há de verdade histórica no testemunho sobre a ressurreição? Todos serão salvos após a morte? A morte é consequência do pecado original? Como atualizar os conceitos de inferno, purgatório e céu para os dias de hoje? Abordar, atualmente, o sentido da fé na ressurreição requer uma linguagem teológica que não destoa do seu verdadeiro significado.

Palavras-chave: Antropologia. Ressurreição. Cristianismo. Escatologia.

ABSTRACT

The article addresses the theme of resurrection. We believe that talking about faith in the resurrection requires an anthropological basis. Theological anthropology has the function of being the part of theology that is intended to reflect on the human person, in the light of Christ. The resurrection of the body means, according to biblical anthropology, the resurrection of the human being as a person. The themes of death and resurrection are now part of Sacred Scripture, now of the Tradition of the Church. Throughout the centuries one has asked: what is historical truth in the testimony about the resurrection? Will everyone be saved after death? Is death a consequence of original sin? How to update the concepts of hell, purgatory and heaven for the present

¹ Pós-Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE). Mestre em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana/Pontificia Università Lateranense (Roma-Itália). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Licenciado em Psicologia (PUC-GO). Bacharel em Teologia (PUC-GO). Licenciado em Filosofia (PUC-GO). Professor de Psicologia e Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). E-mail: elismar01@yahoo.com.br.

day? Addressing, today, the meaning of faith in the resurrection requires a theological language that does not clash with its true meaning.

Keywords: Anthropology. Resurrection. Christianity. Eschatology.

Introdução

Para discutir a temática da ressurreição, sobretudo na atualidade, faz-se necessário o suporte da antropologia cristã no estudo da escatologia que, por sua vez, corrige as ambiguidades no âmbito da fé. O artigo está dividido em três partes. A primeira evidenciará a antropologia da ressurreição acentuando a influência da herança grega que sublinha a dimensão dicotômica do ser humano. Já num segundo momento, abordar-se-á algumas posições teológicas acerca da ressurreição a partir da visão teológica moderna. E, por último, apresentar-se-á como chave hermenêutica algumas perspectivas sobre a ressurreição no âmbito da pastoral.

Antropologia da ressurreição

A temática da morte faz parte da cultura de todos os povos. Na cultura egípcia, por exemplo, devido à passagem da oralidade à escrita, desenvolveram-se com eficácia os ritos funerários e a elaboração de esquemas simbólicos para enterrarem e eternizarem os mortos. Com a finalidade de lembrar-se dos entes falecidos, a cultura egípcia propagava a esperança na vida após a morte. Na Mesopotâmia (2000 A.C), criou-se uma antropologia de caráter trágico e dramático acerca do pós-morte: o ser humano é mortal e ao morrer ficará como fantasma, numa espécie de não-vida.

A antropologia grega², com sua visão bipartida do homem, influenciou a interpretação da ressurreição cristã (Cf. RAHNER, 1989). Nessa visão, a alma é a parte superior do homem e se acha encarcerada no corpo, alcançando a libertação através da morte. Mas a antropologia semita é totalizante. Assim, “*Soma*” indica o

² Sobre a importância da antropologia cristã no estudo da escatologia, Rahner diz que “a partir de uma antropologia cristã bem entendida, fica claro de início que a escatologia cristã não pode absolutamente conceber de maneira iluminista e racionalista a salvação do homem como mera imortalidade da alma – ainda que na teologia cristã existam correntes subterrâneas muito consideráveis que vão nesse sentido” (RAHNER, 1989, p. 501).

homem todo, sob o aspecto específico de sua estrutura corpórea. O grego possui um corpo, o semita é o seu corpo. “*Soma*” é, pois, o homem todo, com todas as dimensões de sua existência. Não é só corporeidade externa, mas a pessoa em sua integridade.

A interpretação bíblica da ressurreição afirma a salvação e a realização plena da pessoa (não da alma, que seria só uma parte da vida), como dom gratuito de Deus. Afirma-se a individualidade da pessoa que, criada por Deus, entra na comunhão definitiva com Ele. Não acontece a dissolução do indivíduo em favor da imortalidade de sua alma. A corporeidade é algo constitutivo do ser humano e não pode ser reduzida à materialidade. O corpo é a maneira humana de existir (Cf. LACROIX, 2009, p. 157). Dizer que somos o nosso corpo é o mesmo que dizer que somos encarnados. O mais importante não é a materialidade do corpo, mas a sua realidade como expressão da pessoa e de sua capacidade de relação (Cf. MERLEAU-PONTY, 1999, p. 207-208).

A ressurreição do corpo significa, de acordo com a antropologia bíblica, ressurreição do homem como pessoa, ou seja, do homem na integridade de suas relações pessoais e cósmicas. A ressurreição não pode ser vista como imortalidade da alma, o que tornaria a ressurreição algo desvinculado da real experiência humana. Tampouco como rematerialização de um cadáver.

Para Paulo, por exemplo, o corpo é a vida humana presente na história, é o modo de existir humanamente. “Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”³. Trata-se de uma maneira de viver e de se fazer presente na história. “*Corpo*” é diferente de “carne”, que significa o homem entregue a seu próprio egoísmo, apoiado em si mesmo e não na graça de Deus. Mas, sabe-se que a fé na ressurreição dos mortos não surgiu do nada. A mesma é fruto de elementos da cultura Babilônica, do reino dos Persas, de Alexandria e, por fim, da influência Romana.

A Tradição posterior a São Paulo, nos primeiros séculos do Cristianismo, teve como base teológica-antropológica o pecado de Adão para justificar a morte do ser humano. Entretanto, se a morte entrou no mundo por um homem (Adão), então a salvação entrou por meio de (Cristo) (Cf. Rm 5, 14-15). Os Padres Apostólicos foram adeptos da teologia de Paulo. Clemente de Roma, no final do século I, diz, por

³ Rm 12, 1; 1Cor 6, 12-20 (Corpo *pneumático*).

exemplo, que a morte de Abel foi consequência do pecado de Adão. A carta a Diogneto, no início do século II, explica que a morte do ser humano acontece em detrimento do pecado de Adão.

Já no século V, Santo Agostinho sistematiza teologicamente a problemática do “Juízo de Deus e o juízo final”. Ele usa categorias epistemológicas fisicistas para explicar a relação entre “justiça e misericórdia de Deus”. Para ele, o primeiro juízo é adâmico e, por isso, o ser humano já está condenado pelo pecado de Adão. Por causa disso, surge a primeira morte. Nascemos herdeiros do pecado de Adão. Então, se a pessoa morre sem receber o batismo, estará condenada. Assim, o batismo simboliza a primeira ressurreição. O juízo universal acontecerá através da segunda ressurreição, devido a morte biológica. Mas uma questão intriga Agostinho: “Não sabemos por que aquele cuja vida poderia ser útil aos homens é arrebatado por morte prematura, quando outros, que nem mesmo mereciam haver nascido, vivem muitos anos. Ignoramos também o porquê ele carregado de crimes, se vê cumulado de honras e as trevas da desonra cobrem o irrepreensivelmente” (AGOSTINHO, 2001, p. 427). Nota-se que a preocupação de Agostinho consiste em articular teologicamente a relação entre justiça e misericórdia de Deus diante dos bons e dos maus que morrem.

No século XII, Santo Tomás de Aquino produz também importantes discussões teológicas em vista da escatologia. Ele, a exemplo dos demais Padres da Igreja, concebe a morte como consequência do pecado, o que chama de realidade accidental: “Se considerarmos a instituição a natureza humana, a morte é como um acidente que se insere no homem pelo pecado. Mas este acidente foi tirado por Cristo, que, pelo mérito da sua paixão, morrendo, destruiu a morte (cf. 2 Tm 1,10)” (TOMÁS DE AQUINO, 1980, p. 879)⁴. Para Santo Tomás, o pecado original se transmite por meio do sêmen do homem, daí sua natureza “genética”.

Assim, por meio da Teologia do *Novo Testamento*, começa a se perguntar: o que acontece entre a morte e o juízo final? Para onde vão os mortos? Lembrando, porém, que o *Antigo Testamento* não demonstrava essa preocupação, pois os mortos estariam, ora no seio de Abrão (RATZINGER, 1984, p. 127), ora no *Scheol*

⁴ Na carta aos Romanos 5, 12-21 lê-se: “O pecado entrou no mundo por meio de um só homem, e o seu pecado trouxe consigo a morte. Como resultado, a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram”.

(PANNENBERG, 2009, p. 739). Nasce, então, a preocupação com as almas. Dessa preocupação elaborar-se-á um discurso teológico acerca do “*Estado Intermediário*”⁵. As almas nesse estado necessitam, inclusive, das orações dos que estão vivos como valores expiatórios⁶. Com esse propósito, Santo Anselmo constrói um esquema teológico-jurídico-expiação em favor das almas que se encontram no estado intermediário aguardando o momento do Juízo Universal, que consistirá na segunda vinda de Cristo ressuscitado.

A ressurreição torna-se o tema central do Cristianismo por implicar na existência presente e futura do ser humano. Pode-se afirmar que a ressurreição de Jesus Cristo para os Santos Padres não é reanimação ou recriação de seu cadáver, mas da unidade de sua existência: “O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; pois semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (1 Cor 15, 42-44). O corpo como matéria perece, é corruptível, mas como totalidade e expressão histórica permanece (TOMÁS DE AQUINO, 1980, p. 876)⁷.

Assim, com o percurso delineado, seguem-se agora alguns questionamentos levantados pelos teólogos modernos com a finalidade de contribuir com a releitura da ressurreição.

Perspectiva teológica: releitura teológica da ressurreição

Segundo Alberto Cozzi (2009), os teólogos da atualidade pensam numa nova maneira de falar da ressurreição. Dever-se-á articular a realidade da ressurreição num duplo âmbito: “da ressurreição de Cristo” à “ressurreição dos mortos”. A primeira

⁵ O teólogo protestante Pannenberg explica quando e porque a Igreja Católica adotou a categoria “*Estado Intermediário*”. Assim escreve: “No Concílio de Lyon em 1274, a Igreja Católica Romana defendeu expressamente a existência de um estágio intermediário das almas dos falecidos entre a morte e o juízo final, bem como a possibilidade de um progresso moral que ocorreria nesse estado”. (PANNENBERG, 2009, p. 807).

⁶ “Nessa direção a concepção se desenvolveu somente na Idade Média, e com ela depois se vinculou também o pensamento da prestação vicária de atos penitenciais dos vivos em favor dos falecidos para atenuar seu destino no além.” (PANNENBERG, 2009, p. 806).

⁷ Santo Tomás (1980, p. 876) retoma a teologia de Paulo para acentuar o significado da ressurreição do corpo glorioso de Cristo (1 Cor 15, 53). Ele diz: “É necessário que o corruptível se revista da incorrupção, e este mortal, da imortalidade (1 Cor 15, 53). Ora, o mortal e corruptível de que trata é o corpo. Logo, é o corpo que ressurgue”.

segue a elaboração do discurso em dois âmbitos, para tentar reconstruir as principais coordenadas das argumentações e alcançar a consideração do *status quaestiones*. Na segunda proposta pensa-se num diálogo crítico com as recentes instâncias de repensar a ressurreição, como propõe, por exemplo, Andres Torres Queiruga (2004, p. 185-279), Wolfhart Pannenberg (2009, p. 693-835) e outros teólogos da atualidade.

Edward Schillebeeckx (2008, p. 342-344; 650-655) concebe a ressurreição de Jesus como um processo de conversão. Sendo meta-histórica, não é possível saber exatamente o que é a ressurreição. A conclusão de que Jesus havia ressuscitado é fruto de uma experiência de perdão que reúne os discípulos. A passagem do escândalo à proclamação de Jesus como único portador de salvação supõe inevitavelmente um processo de conversão, única mediação a ser postulada entre esses dois momentos históricos acessíveis. A ressurreição pessoal-corpórea de Jesus precede lógica e ontologicamente a fé na ressurreição. E nenhum dado histórico pode ser considerado a causa e o futuro da fé, que só podem ser encontrados na ação salvífica de Deus. Por isso, a comunidade dos discípulos é a única mediação histórica possível entre nós e a experiência da ressurreição.

O esforço de Rudolf Pesch⁸ foi o de mostrar a continuidade entre o Jesus terrestre e o Jesus ressuscitado (KESSLER, 1989, p. 99-107). Não houve uma ruptura na fé dos discípulos que, à luz do Judaísmo interpretaram a ressurreição. O próprio Judaísmo ofereceu a base teológica para a compreensão da ressurreição. Também foram essenciais as experiências que os discípulos tiveram com Jesus. O modelo “Filho do Homem” foi uma das fontes da explicação da ressurreição. As aparições, o túmulo vazio são fórmulas de legitimação da autoridade dos apóstolos. Evidentemente que Rudolf Pesch não nega a realidade da ressurreição, mas a descoberta da mesma foi, para ele, um processo de interpretação da vida de Jesus.

Karl Rahner (1989, p. 498-531) e Karl Barth (KESSLER, 1989, p. 15)⁹ têm perceptivas teológicas diversas. Karl Rahner faz teologia tendo como base a antropologia, perguntando-se pelas condições apriorísticas existentes no ser humano que o habilitam a experimentar o mistério de Deus; já Karl Barth parte da própria

⁸ Kessler (1989, p. 99-107), ao explicar o significado do túmulo vazio, evidencia a importância da teologia de Rudolf Pesch com a finalidade de apresentar elementos teológicos em vista da compreensão da ressurreição dos mortos.

⁹ Kessler faz uma excelente comparação entre a teologia da ressurreição de Karl Rahner e Karl Barth.

Revelação para construir o seu sistema teológico. Ambos estão de acordo ao afirmar que a experiência da ressurreição é uma iniciativa do Ressuscitado que provoca a fé dos discípulos, embora não se possa ter acesso histórico ao “como” da ressurreição.

Perspectiva teológica-pastoral

A reflexão teológica só tem sentido se consegue iluminar a experiência concreta dos crentes. A reflexão sobre a ressurreição tem uma grande contribuição a dar no *como falar hoje da fé na ressurreição*, tendo subjacente a finalidade de corrigir certos aspectos de nossa experiência cristã hodierna. Destes, salientamos apenas três: a linguagem com a qual apresentamos a ressurreição, a antropologia dualista com a qual algumas vezes a compreendemos e a ação do Espírito Santo.

A linguagem que às vezes se usa para falar da ressurreição distorce o seu verdadeiro significado. Quando fixamos nos textos bíblicos como se fossem crônicas do ressuscitado, caímos no mesmo erro da modernidade, o de querer provar a ressurreição como fato histórico verificável, o mais maravilhoso milagre de Jesus e a comprovação de sua divindade. Essa apresentação não condiz com os dados da exegese e nem com os dados da reflexão teológica.

A antropologia dualista, herdada do Helenismo, e distante da visão bíblica de homem, contribui com uma concepção quase mitológica da ressurreição. A crença na salvação da “alma”, separada do corpo, leva a uma visão incorreta da ressurreição. Nessa perspectiva, a “alma” não tem nenhuma relação com o corpo e a vida da pessoa. O corpo seria apenas a sua prisão provisória. O sincretismo religioso em que vivem os cristãos favorece essa antropologia dualista. É estranho constatar que muitos cristãos aceitam a reencarnação, ou seja, a existência de “uma alma” que vaga de corpo em corpo, mudando, pois, seu invólucro, em vista de um aperfeiçoamento pessoal. Trata-se de uma visão “despersonalizante”.

Outros aceitam que a “alma” depois da morte vai para o purgatório, inferno ou céu, lugares de condenação, de purificação (Cf. RAHNER, 1989, p. 510)¹⁰ ou

¹⁰ Merece destaque a posição equilibrada de Karl Rahner sobre “o ensinamento acerca de um *lugar de purificação*”, no estudo da escatologia. Sobre essa discussão escreve: “(...) não podemos constatar a existência de um estado intermediário no destino do homem entre a morte, de uma parte, e a realização consumada do homem no seu todo, de outra parte, não podemos também fazer alguma objeção

redenção (TOMÁS DE AQUINO, 1980, p. 903)¹¹. Nesse caso, a alma estaria esperando ser completada pelo corpo, a ser resgatado, na *parusia*, de seu estado de cadáver. A ressurreição revela-nos, no entanto, que a totalidade de Jesus foi recriada por Deus no Espírito e a nossa também será. Não é a alma que ressuscita, mas a identidade pessoal e histórica da pessoa, o que valoriza a história presente e a torna decisiva na experiência cristã de Deus. Então, traduzir o termo “alma” pelo termo “pessoa” pode ser um discreto, mas válido começo que ajuda a perceber que, para Deus, o que importa é a pessoa na sua identidade¹², e que exatamente esta será recriada por Ele.

Por fim, a verdadeira ação do Espírito é a presença do Ressuscitado. Os cristãos agem segundo o Espírito quando assumem a causa de Jesus, isto é, quando fazem de sua vida um dom. A ação do Espírito acontece onde a solidariedade ilimitada e desinteressada está de fato acontecendo. É o único sinal não ambíguo da presença do Espírito, pois atualiza Cristo para o mundo de hoje. E este é o verdadeiro milagre de que o mundo precisa. É o milagre que o Ressuscitado vem realizando através de todos aqueles que se abrem à graça e ao mistério de sua presença. Como diz Pannenberg: “O Espírito é, portanto, a origem criadora da vida na ressurreição, tanto na ressurreição de Jesus quanto em relação às demais pessoas” (PANNENBERG, 2009, p. 812).

Considerações Finais

A reflexão teológica sobre *como falar hoje da fé na ressurreição* envolve estudos aprofundados de exegese, teologia e filosofia (Cf. RAHNER, 1989, p. 504). Mas uma constatação se faz necessária: a filosofia helenista, que permitiu a enculturação do Cristianismo e, quem sabe, até sua sobrevivência, não foi benéfica. Distanciou-nos da rica antropologia semítica introduzindo conceitos como “imortalidade da alma”, que dificultam uma compreensão correta da ressurreição.

decisiva contra a ideia de uma maturação pessoal durante este estado intermediário, que denominamos de ‘purgatório’ ou de ‘estado de purificação’ ou ‘lugar de purificação’ (RAHNER, 1989, p. 510).

¹¹ A alma, logo após a separação do corpo, receberá prêmio ou castigo (Cf. TOMÁS DE AQUINO, 1980, p. 903).

¹² Sobre o problema da identidade pessoal na ressurreição, Santo Tomás explica que ao ressuscitar, resguarda-se a identidade da pessoa. O corpo deteriora-se, mas a sua identidade concebida como “eu” não se consome.

Como vimos, devido ao avanço da reflexão teológica, pode-se redescobrir a riqueza da ressurreição em seus vários aspectos.

Assim, *como falar hoje da fé na ressurreição?* Um possível caminho consiste no como refletir e modificar o “agir cristão”, tornando-o mais sóbrio e mais centrado na experiência da fé cristã. Pensar de uma nova maneira a ressurreição dos mortos corrige muitas ambiguidades. Mas ela somente será eficaz se levar o ser humano a uma autêntica experiência de Deus, que só pode acontecer se nos deixarmos conduzir pelo Espírito, que atualiza em nós e no mundo a presença de Jesus ressuscitado.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte II: os juízos de Deus e o juízo final. Petrópolis: Vozes, 2001.

COZZI, Alberto. Ripensare la risurrezione e/o annunciare il risorto? L'attuale teologia della risurrezione tra istanze di ripensamento del significato culturale ed esigenze di una nuova fondazione. **Revista “Teologia”**, n. 34, p. 185-222, 2009.

HAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 1989.

KESSLER, Hans. **La resurreccion de Jesus**: aspecto biblico, teologico e sistematico. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1989.

LACROIX, Xavier. **O corpo de carne**. São Paulo: Loyola, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática**. Volume 3. São Paulo: Paulus, 2009.

RATZINGER, Joseph. **Escatologia**: la muerte y la vida eterna. Barcelona: Editorial Herder, 1984.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus**: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma Teológica**: as verdades sobrenaturais sobre a vida futura. Terceira parte: capítulo LXXIX, Livro IV. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Indústria Gráfica Editora, 1980.

TORRES QUEIRUGA, Andres. **Repensar a ressurreição**: a diferença cristã na comunidade das religiões e da cultura. São Paulo: Paulinas, 2004.

Artigo recebido em: 19/10/2021.
Artigo aprovado em: 28/11/2021.